

**Reflexão com Catequistas  
Vigarraria de Matosinhos  
Abril 2009**

**O DIRECTÓRIO DA MISSA COM CRIANÇAS**

**Pe. Amaro Gonçalo**

## I. O Directório da Missa com Crianças

Muitas comunidades cristãs celebram a chamada “*Missa com crianças*”. Umas, fazem-no no contexto da Missa Paroquial; outras fazem-no só e especificamente no âmbito da Catequese, para as crianças, catequistas e seus familiares. Qual a melhor solução? Terá sentido celebrar só com crianças? Num caso e/ou noutro, quais são os critérios a ter em conta para este tipo de celebrações?

Um documento fundamental nos guiará nesta reflexão: **o Directório das Missas com Crianças** ([22 de Outubro de 1973] - EDREL 2760-2814), que é um “suplemento” à Instrução Geral do Missal Romano (n.º 4). A partir da leitura atenta do Directório para a Missa com Crianças deixamos aqui algumas reflexões que nos podem ajudar a definir ou clarificar alguns critérios para estas celebrações.

### 1. UM DEVER DA IGREJA

Cuidar das crianças baptizadas (as que ainda não fizeram a Primeira Comunhão e as que já a celebraram) é um dever da comunidade cristã. Esta tarefa cabe em primeiro lugar aos pais (DMC 10).

Todavia, como reconhece o Directório Geral da Catequese, no nº 5, “as condições da vida actual em que crescem as crianças são pouco favoráveis ao seu progresso espiritual”. Por isso, a comunidade cristã aparece como protagonista da responsabilidade de educar na fé.

Assim, o Directório para a Missa com Crianças reconhece que o culto cristão, e designadamente a Eucaristia como seu centro, é o melhor ambiente para fazer experimentar à criança a salvação de Deus que chegou em Cristo e que celebramos em comunidade.

A dificuldade reside no facto de que as celebrações cristãs estão pensadas para adultos; a sua estrutura, os seus sinais, a linguagem dos textos, etc., não são fáceis de compreender pelas crianças e por conseguinte não exercem sobre elas a força pedagógica que lhes são próprias.

No entanto, isto não pode servir de desculpa, porque como se refere no DMC 2, a psicologia moderna sustenta que não é a inteligência a chave primordial da aproximação às coisas e aos valores. A experiência religiosa é marcante na infância. A teologia é para os adultos, mas a fé é para todos e também para as crianças (cf. DGC, nº 78).

### 2. UM DIREITO DAS CRIANÇAS

É fundamental que a comunidade tenha plena consciência de que a iniciação das crianças à celebração e participação na Eucaristia não é consequência do nosso grande amor às crianças, mas **é antes de mais um direito delas**: baptizadas, são membros de pleno direito da comunidade cristã e a comunidade tem obrigações para com elas. Não chamemos “caridade” ao que é uma obrigação dos pais, dos padrinhos, mas também de toda a comunidade cristã. Diz o Directório: “as comunidades cristãs (...) estão vinculadas por um compromisso para com as crianças baptizadas na Igreja. A comunidade cristã, que dá testemunho do Evangelho, que vive a caridade fraterna, que celebra activamente os mistérios de Cristo é a melhor escola de formação cristã e litúrgica para as crianças que nela vivem” (n.º 11: EDREL 2770).

### 3. EUCARISTIA, FONTE E META DA CATEQUESE

A Eucaristia é *“fonte e centro de toda a vida cristã”* (LG 11). É na Eucaristia que celebramos o mistério de Jesus Cristo nos grandes momentos do ano litúrgico. É ainda na celebração da Eucaristia que celebramos os momentos mais marcantes da nossa vida cristã. É o sacramento que nos faz participar de forma mais plena na obra redentora de Cristo, como afirma o Vaticano II, na Constituição sobre a Liturgia:

“O nosso Salvador instituiu na última Ceia, na noite em que foi entregue, o Sacrifício eucarístico do seu Corpo e do seu Sangue para perpetuar pelo decorrer dos séculos, até Ele voltar, o Sacrifício da Cruz, confiando à Igreja, sua esposa amada, o memorial da sua morte e ressurreição: sacramento de piedade, sinal de unidade, vínculo de caridade, banquete pascal em que se recebe Cristo, a alma se enche de graça e nos é dado o penhor da futura glória” (SC 47).

E a Instrução Eucharisticum Mysterium diz que é na Eucaristia que:

“se encontra o ponto mais alto, ao mesmo tempo da acção pela qual Deus, em Cristo santifica o mundo, e do culto que no Espírito Santo os homens prestam a Cristo, e, por Ele, ao Pai” (n.º 6). A Eucaristia é verdadeiramente o “coração da Igreja”.

Merece-nos, por isso, uma especial atenção: se é a “fonte e meta” da vida cristã, será também naturalmente **“fonte e meta” da catequese**.

O DGC (85) lembra as tarefas fundamentais da Catequese: **ajudar a conhecer, a celebrar, a viver e a contemplar o mistério de Cristo**. No que diz respeito à educação litúrgica, é claro: **«a catequese, ale, de favorecer o conhecimento do significado da Liturgia e dos sacramentos, deve educar os discípulos de Cristo, para a Oração, para a gratidão, para a penitência, para as preces comunitárias, para o sentido comunitário, para a percepção justa do significado dos símbolos, uma vez que que tudo isso é necessário, para que exista uma verdadeira vida litúrgica»**.

Antes de mais, é forçoso reconhecer que a nossa liturgia está adaptada a adultos, e não tanto a crianças. Isto não é um erro ou um esquecimento, mas algo bem natural: ser cristão implica maturidade de fé.

Mas isso também não significa que as crianças sejam esquecidas: a liturgia reformada pelo Vaticano II prevê múltiplas possibilidades de adaptação, precisamente para permitir responder às necessidades dos diferentes grupos etários. O esforço tem, contudo, de ser sempre duplo: aproximar a Eucaristia das crianças, com adaptações oportunas e adequadas; mas também aproximar as crianças da Eucaristia, por meio de uma correcta iniciação catequética.

O facto de, numa liturgia pensada e estruturada para adultos, as crianças não perceberem tudo não é nenhum drama: a criança, vivendo num mundo de adultos, não compreende tudo o que faz. Faz, realiza, cumpre, e vai progressivamente descobrindo o significado disso. Assim também na Eucaristia: não tenhamos a pretensão de que a criança tudo perceba!

O importante é motivar a criança para a celebração; a compreensão será sempre progressiva, adequada à sua própria capacidade de compreensão e interiorização. Este costuma ser um dos “pecados” dos catequistas: à força de tudo querer explicar e fazer compreender à criança,

afogam-na em informação desnecessária e recorrem, para explicar mistérios de fé complexos, imagens simples, mas que criam ideias erradas nas crianças, que depois costumam muito a corrigir.

#### 4. APROXIMAR AS CRIANÇAS DA EUCARISTIA E APROXIMAR A EUCARISTIA DAS CRIANÇAS

##### Cap. I (DMC) : A iniciação das Crianças à celebração eucarística

##### 4.1. A iniciação, pela experiência prática da Eucaristia

Iniciar ou catequizar as crianças sobre a Eucaristia vai muito mais além da mera informação ou explicação. A catequese é um processo vital que, ou envolve todas as dimensões da vida da criança, ou será sempre e completamente ineficaz. Trata-se também de explicar, sem dúvida; mas trata-se sobretudo de levar a experimentar, a viver. Esta educação eucarística é concebida como “iniciação”. Não tanto, como uma aula, ou uma catequese ou entretenimento, mas como uma iniciação na celebração (uma mistagogia gradual), feita de oração, de alegria, de fé, de festa, de louvor, de canto.

Por isso, e atendendo à capacidade das crianças, deve começar-se **por introduzir as crianças nos valores humanos** (DMC 9) – facilmente assimiláveis e experimentáveis por elas – que estão na base da Eucaristia: o saber fazer algo em comum, o facto da saudação, o sentido comunitário da reunião, a capacidade de escutar, a necessidade de acção de graças, o gesto de perdão, a exigência da refeição comum enquanto símbolo de comunhão, etc.

O que é fundamental é que as crianças vão percebendo e experimentando ou vivendo que a Missa é uma reunião de cristãos que escutam a Palavra de Deus, que rezam juntos, que dão graças e agradecem a Deus, que recordam Jesus Cristo, que se faz presente...

Por isso importa que esta iniciação eucarística **introduza nas grandes atitudes que forma o conteúdo da eucaristia** (DMC 9; 13)

- Reunimo-nos com os outros para celebrar (sentido comunitário)
- Escutamos a Palavra, que Deus nos dirige
- Damos graças e bendizemos a Deus (Oração Eucarística)
- Recordamos e oferecemos o sacrifício de Cristo na Cruz;
- Comemos e bebemos juntos na Eucaristia
- Despedimo-nos com maior compromisso de vida cristã

Um dos maiores defeitos da atenção à liturgia é separá-la dos outros aspectos da vida cristã.

O Directório (n.º 8) fala de educação litúrgica das crianças em conexão com a “*vida plenamente cristã*”; com o Baptismo (raiz de toda a vida de fé e de todos os dons de graça que um cristão recebe); com o amor de comunhão com Cristo e com os irmãos (de que a Eucaristia é sinal e dádiva); com a educação geral, humana e cristã.

“Se verdadeiramente a Eucaristia é fonte e ápice da vida e da missão da Igreja, temos de concluir antes de mais que **o caminho de iniciação cristã tem como ponto de referência tornar possível o acesso a tal sacramento**. A propósito, devemos interrogar-nos se as nossas comunidades cristãs têm suficiente noção do vínculo estreito que há entre Baptismo, Confirmação e Eucaristia; de facto, é preciso não esquecer jamais que **somos**

**baptizados e crismados em ordem à Eucaristia.** Este dado implica o compromisso de favorecer na acção pastoral uma compreensão mais unitária do percurso de iniciação cristã. O sacramento do Baptismo, pelo qual somos configurados a Cristo, incorporados na Igreja e feitos filhos de Deus, constitui a porta de acesso a todos os sacramentos; através dele, somos inseridos no único corpo de Cristo (1 Cor 12, 13), povo sacerdotal. Mas é a **participação no sacrifício eucarístico que aperfeiçoa, em nós, o que recebemos no Baptismo.** Também os dons do Espírito são concedidos para a edificação do corpo de Cristo (1 Cor 12) e o crescimento do testemunho evangélico no mundo. Portanto, a santíssima Eucaristia leva à plenitude a iniciação cristã e coloca-se como centro e termo de toda a vida sacramental” (Bento XVI, Sac. Carit.17).

«**A melhor catequese sobre a Eucaristia é a própria Eucaristia bem celebrada**» (Bento XVI, Sac. Carit.64)!

#### 4.2. A catequese sobre a Eucaristia

Especificamente sobre a catequese, diz o documento:

“Ainda que a própria liturgia exerça sempre a sua função didáctica mesmo em relação às crianças, é necessário reconhecer toda a importância, na formação catequética escolar e paroquial, à catequese eucarística. Uma tal catequese, «bem adaptada à idade e à capacidade das crianças, deve ter em vista dar-lhes através das orações e dos ritos mais importantes, o sentido da missa, e também o que respeita à participação na vida da Igreja» (S. Congr. Dos Ritos, Instrução Eucharisticum Mysterium, de 25.05.1967, n.º 14).

Parece óbvia a necessidade de **catequese especial sobre a Eucaristia**, apesar do reconhecimento de que a própria celebração tem uma força didáctica (celebrando — bem — vamos entrando pouco a pouco na sua dinâmica).

Esta catequese:

- a) não pode ser isolada ou ocasional (por exemplo: só para preparar a primeira comunhão);
- b) deve iniciar (não só e simplesmente explicar) à Eucaristia, pela descoberta do significado da Missa através dos principais ritos e orações;
- c) não pode ser separada da iniciação eclesial (há que iniciar à descoberta do significado... da participação na vida da Igreja);
- d) deve incidir particularmente na Oração Eucarística;
- e) deve preparar para a participação na Comunhão Eucarística e subsequente celebração do Sacramento da Reconciliação.

O Directório fala ainda de Celebrações monográficas, que serão celebrações mais informais prevalentemente pedagógico-formativas sobre as atitudes básicas a desenvolver na Eucaristia (o sentido da saudação, o silêncio, o louvor comum, a escuta da Palavra de Deus).

### 4.3. Catequese mistagógica

“ (...) Assim, é **preciso promover uma educação da fé eucarística** que predisponha os fiéis a viverem pessoalmente o que se celebra. Vista a importância essencial desta participação pessoal e consciente, quais poderiam ser os instrumentos de formação mais adequados? Para isso, os padres sinodais indicaram unanimemente a estrada dum **catequese de carácter mistagógico**, que leve os fiéis a penetrarem cada vez mais nos mistérios que são celebrados. Em concreto e antes de mais, há que afirmar que, devido à relação entre a arte da celebração e a participação activa, **«a melhor catequese sobre a Eucaristia é a própria Eucaristia bem celebrada»**; com efeito, por sua natureza a liturgia possui uma eficácia pedagógica própria para introduzir os fiéis no conhecimento do mistério celebrado. Por isso mesmo, na tradição mais antiga da Igreja, o caminho formativo do cristão — embora sem descurar a inteligência sistemática dos conteúdos da fé — assumia sempre um **carácter de experiência**, em que era determinante o encontro vivo e persuasivo com Cristo anunciado por autênticas testemunhas. Neste sentido, quem introduz nos mistérios é primariamente **a testemunha**; depois, este encontro aprofunda-se, sem dúvida, na catequese e encontra a sua fonte e ápice na celebração da Eucaristia. Desta estrutura fundamental da experiência cristã parte a exigência de um itinerário mistagógico, no qual se hão-de ter sempre presente **três elementos**:

a) Trata-se, primeiramente, da **interpretação dos ritos à luz dos acontecimentos salvíficos**, em conformidade com a tradição viva da Igreja; de facto, a celebração da Eucaristia, na sua riqueza infinita, possui contínuas referências à história da salvação. Em Cristo crucificado e ressuscitado, podemos celebrar verdadeiramente o centro recapitulador de toda a realidade (*Ef 1, 10*); desde o seu início, a comunidade cristã leu os acontecimentos da vida de Jesus, e particularmente o mistério pascal, em relação com todo o percurso do Antigo Testamento.

b) Além disso, a catequese mistagógica há-de preocupar-se por **introduzir no sentido dos sinais** contidos nos ritos; esta tarefa é particularmente urgente numa época acentuadamente tecnológica como a actual, que corre o risco de perder a capacidade de perceber os sinais e os símbolos. Mais do que informar, a catequese mistagógica deverá despertar e educar a sensibilidade dos fiéis para a linguagem dos sinais e dos gestos que, unidos à palavra, constituem o rito.

c) Enfim, a catequese mistagógica deve preocupar-se por mostrar **o significado dos ritos para a vida cristã em todas as suas dimensões**: trabalho e compromisso, pensamentos e afectos, actividade e repouso. Faz parte do itinerário mistagógico pôr em evidência a ligação dos mistérios celebrados no rito com a responsabilidade missionária dos fiéis; neste sentido, o fruto maduro da mistagogia é a consciência de que a própria vida vai sendo progressivamente transformada pelos sagrados mistérios celebrados. Aliás, a finalidade de toda a educação cristã é formar o fiel enquanto «homem novo» para uma fé adulta, que o torne capaz de testemunhar no próprio ambiente a esperança cristã que o anima.

Condição necessária para se realizar, no âmbito das nossas comunidades eclesiais, esta tarefa educativa é dispor de formadores adequadamente preparados; mas todo o povo de Deus deve, sem dúvida, sentir-se comprometido nesta formação. Cada comunidade cristã é chamada a ser lugar de introdução pedagógica aos mistérios que se celebram na fé; a propósito, durante o Sínodo, os padres sublinharam a conveniência de um maior envolvimento das comunidades de vida consagrada, movimentos e agregações que, pelo próprio carisma, possam dar novo impulso à formação cristã. Temos a certeza de que, também no nosso tempo, o Espírito Santo não poupa a

efusão dos seus dons para sustentar a missão apostólica da Igreja, a quem compete difundir a fé e educá-la até à sua maturidade” (Bento XVI, Sac. Carit.64).

**Em resumo**, podíamos falar da necessidade uma iniciação ou formação

- para a celebração litúrgica (educar para a participação)
- na celebração litúrgica (participação interna)
- a partir da celebração litúrgica (da missa à missão)

## 5. MISSAS COM CRIANÇAS, A PARTIR DO DIRECTÓRIO

Com trinta e seis anos, o Directório para a Missa com crianças (1973), continua a ser desconhecido e sobretudo não suficientemente valorizado. Os seus princípios e perspectivas continuam válidos e actuais.

### 5.1. As grandes linhas directrizes:

- **Personalização – acomodação** (adaptar ao grupo que celebra (DMC 2))
- **Enquadramento – contextualização** (preparar para a integração na celebração da comunidade DMC 21)
- **Preparação – escolha** (as crianças devem tomar parte na preparação da celebração DMC 29)

### 5.2. As grandes novidades do Directório são:

- o apresentar de novas e específicas Orações Eucarísticas com uma linguagem mais adequada às crianças;
- a possibilidade de que a homilia seja feita por um leigo (DMC 24),
- a possibilidade de introdução de música gravada (DMC 32);
- o convite a uma expressão (mais) corporal e visual (DMC 35-36);
- a possibilidade concedida às Conferencias Episcopais de elaborarem Novos Leccionários (DMC 43);
- a faculdade de modificar as orações do Missal de modo a torná-las mais acessíveis e compreensíveis às crianças.

### 5.3. Um título sugestivo: Directório para a Missa com Crianças

Um título sugestivo:

O **título** escolhido para o Directório é também significativo: Directório para a Missa **COM** crianças; não **PARA** crianças (como se elas fossem meros espectadores, sem participação activa); não **DE** crianças (porque a Missa é sempre a missa, não é de crianças nem de adultos). Missa **COM** crianças expressa uma concepção fundamental: a Missa celebra-se com as crianças e as crianças também celebram (DMC 28), também são Povo de Deus convocado para celebrar.

Se à catequese compete aproximar as crianças da Eucaristia, é fundamental também o esforço de aproximar a celebração da Eucaristia das crianças, com escolhas e opções que as ajudem a celebrar melhor, de forma mais plena.

Falemos, pois, das “Missas com crianças”.

É fundamental ter bem claras as ideias, quando se fala de “Missas com crianças”. E eventualmente corrigir princípios errados, que nos afastam do mais importante, que é permitir às crianças uma verdadeira iniciação à vivência da Eucaristia.

Adaptar a celebração às crianças não é nunca infantilizar a celebração. A Eucaristia não é nunca uma “brincadeira de crianças”; pelo que, mesmo para as crianças, deve ser momento de encontro com Deus e de encontro festivo com os outros para louvar e agradecer... Tem é que ter em conta os níveis de fé das crianças e as suas capacidades cognitivas.

Além disso, falamos de “Missa com crianças” e não de “Missa para crianças” ou “Missa de crianças”. Nada disto é inocente! Não há Missas para crianças ou de crianças! Há Missas com crianças!

– Significa que há sempre adultos nestas celebrações e que estes têm um papel fundamental para a participação das crianças. Não estão lá para fazer celebrar as crianças, nem para as entreter; não são assistentes, mas pessoas que “participam verdadeiramente na Missa como membros de uma assembleia de oração” e que “ajudam as crianças tanto quanto seja necessário” (Directório, n.º 24).

Aos adultos presentes é pedido, sobretudo, que celebrem e participem realmente. A autenticidade da sua participação é a melhor ajuda, pois as crianças percebem intuitivamente se a pessoa está ou não a fazer algo com sinceridade e autenticidade, ou não...

– O ideal, tendo em conta o que disse logo no início, é que as crianças participem na Eucaristia acompanhadas pelos pais. A excepção é uma celebração com crianças num grupo pequeno, em dias da semana (**não ao Domingo**). A ausência dos pais e um grupo grande de crianças torna a celebração um calvário para os adultos presentes (nomeadamente os catequistas e o padre que preside) e para as próprias crianças... Por isso, estas celebrações são pensadas para pequenos grupos. “Sempre que o número de crianças que celebram conjuntamente a Eucaristia for muito grande (...) formem-se vários grupos constituídos não de forma rígida segundo a idade, mas tendo em atenção o progresso da formação religiosa e a preparação catequética” (Directório, n.º 28).

– O objectivo das Missas com crianças é só e sempre ajudar as crianças a participar na celebração eucarística da comunidade cristã!

## **6. Crianças na Missa e Missa com crianças**

Visto o capítulo I, olhemos então para o que nos diz o Directório das Missas com Crianças.

Este documento distingue as “**Missas de adultos nas quais também participam crianças**” e as “**Missas com crianças em que participam só alguns adultos**”.



Esta distinção é muito importante. Vejamos cada uma destas situações.

### **6. 1. Na celebração comunitária, sobretudo aos Domingos (Missas paroquiais) Missas de adultos, nas quais também participam crianças (DMC capítulo II).**

A primeira, são as missas com adultos em que participam também as crianças. Esta categoria inscreve-se dentro daquilo que podemos designar de Missas Paroquiais. Nestas há, segundo o Directório, uma dupla influência benéfica: os adultos, que com a sua participação activa são um exemplo vivo para as crianças; as crianças, que com a sua presença activa, são um motivo de alegria e estímulo para os adultos. A situação ideal é a de uma Eucaristia em que participa a família toda. Diz o DMC 16:

“Em muitas localidades, sobretudo aos Domingos e dias santos, celebram-se missas paroquiais em que participam algumas crianças com grande número de adultos” (n.º 16: EDREL 2776). Esta é a situação da maior parte das nossas missas dominicais: porque a catequese a antecede ou a precede, as celebrações eucarísticas dominicais contam com a presença de um número significativo de crianças. Não é a situação típica das chamadas missas com crianças. “No entanto, nas missas deste género, deve evitar-se cuidadosamente que as crianças se sintam desprezadas pela sua incapacidade de participar e compreender o que se faz e o que se proclama” (n.º 17: EDREL 2776).

O que fazer, então, para que as crianças não se sintam a mais?

O Directório faz algumas sugestões: (DMC 17)

- que as admonições interpelem directamente as crianças;
- que o presidente se dirija directamente a elas na homilia;
- que elas exerçam alguma actividade, como levar os dons ao altar ou cantar um cântico;
- há ainda a possibilidade de celebrar a Liturgia da Palavra com as crianças, num lugar diferente do da assembleia adulta, juntando-se todos, de novo, para a Liturgia Eucarística;
- podem ainda fazer-se algumas adaptações, pensadas para as Missas com crianças, descritas no capítulo seguinte.

### **6.2. Em celebrações especiais para as crianças, com poucos adultos, sobretudo nos dias feriais. B) Missas com crianças nas quais participam somente alguns adultos (DMC capítulo II).**

A segunda é a Missa com Crianças em que participam somente alguns adultos. É especialmente sobre estas celebrações que se debruça o Directório.

“Além das missas em que as crianças participam com os pais e outras pessoas de família, (...) recomenda-se, **sobretudo durante a semana**, celebrar algumas missas só para crianças, participando nelas apenas um pequeno número de adultos” (n.º 20: EDREL 2779). Trata-se de pequenos grupos de crianças (cf. n.º 28: EDREL 2787). Estas celebrações podem ser da máxima importância para uma autêntica participação das crianças na Eucaristia,

nomeadamente na Eucaristia dominical da comunidade cristã. No entanto, é importante nunca perder de vista o objectivo final desta prática: “Tenha-se sempre presente que tais celebrações eucarísticas devem orientar as crianças para as missas de adultos, sobretudo aquelas em que a comunidade cristã se deve reunir ao Domingo” (n.º 21: EDREL 2780).

A primeira afirmação fundamental é a de que a Missa com crianças não é a situação ideal (é útil, necessária, mas por pedagogia e provisoriamente).

O objectivo é a iniciação à Eucaristia sem mais, a Eucaristia da comunidade cristã, em que são também acolhidas e atendidas as crianças. É bom que desde o princípio as crianças saibam e sintam que a Eucaristia é “coisa de adultos”, que não se identifica com a sua idade infantil ou com o período escolar e catequético, mas que é a celebração central de todos os cristãos. Daqui nasce o critério fundamental: a Missa com crianças não deve ser muito distinta da Missa comunitária. A Missa com crianças é caminho para a Missa da Comunidade.

Neste sentido, as Missas com crianças podem ter efeitos perversos: criar nas crianças a ideia de que aquela é a sua Eucaristia, uma coisa de crianças, portanto, que se abandonará quando se crescer; nessas condições, em vez de iniciar à Eucaristia de toda a comunidade, incapacita-as de nela participar...

Se a comunidade for viva e participativa, e se a celebração for festiva, se na celebração se tiver em conta a presença das crianças, facilmente as crianças se sentirão envolvidas e motivadas. Se a criança vir os adultos, nomeadamente os pais e catequistas, a cantar, escutar, rezar, comungar, está feita a melhor e mais necessária iniciação à Eucaristia.

Quando parece oportuna a opção por Missas com crianças em pequeno grupo, é imprescindível manter o contacto com a celebração da comunidade cristã. Perder de vista o objectivo das Missas com crianças significa inviabilizar a sua capacidade de ser iniciação e poderá levar-nos precisamente ao que queremos evitar: o afastamento e desafeição das crianças (adolescentes e jovens) da celebração eucarística.

É claro que isto implica a comunidade cristã e responsabiliza-a (e faltam-nos essas comunidades cristãs...). Contudo, tentar prescindir desse contributo fundamental é tentar “fazer omeletes sem ovos”; e pedir à catequese e à Eucaristia que tentem remediar o que delas não depende e que lhes não compete... Não se peça à catequese o que aos pais e à comunidade compete. Nem se peça à celebração eucarística o que à catequese compete!

### **6.2.1. Distinguir participação e ministério. Distinguir ministérios e funções (DMC 22)**

Não se deve confundir participação com ministérios e funções. À participação, são todos chamados, também as crianças. Se a criança pode desempenhar algumas funções na Liturgia, desde que seja necessário e conveniente, importa sublinhar que o seu papel na Eucaristia não é o de animação, muito menos se lhes poderá atribuir qualquer função ministerial. Mas elas podem exercer determinadas funções (DMC 22 e 18). Na Eucaristia, é fundamental que as crianças participem activamente e se sintam protagonistas e actores daquilo que se está a realizar. Contudo, mais uma vez, é preciso clarificar: participação activa não é estar sempre a mexer!

Há certos ministérios que, **numa missa paroquial**, não convém confiar às crianças:

- Ler a Palavra de Deus
- Recitar as preces da Oração Universal
- distribuir a Eucaristia

Mas há outros ministérios que parecem mais coerentes com a maneira de participar das crianças:

- levar os dons ao altar, no ofertório
- executar alguns cânticos (não o salmo ou o do santo, que pertence a todos, mas o do ofertório ou depois da comunhão)

Participar é rezar, escutar, cantar, dar graças, oferecer, comer, comprometer-se, fazer silêncio... comungar.

As atitudes interiores são o mais importante. Não se entenda por participação activa fazer com que todas as crianças tenham algum ofício específico.

Contudo, **na Missa com Crianças, com poucos adultos**, há um conjunto de funções que as crianças podem desempenhar, como seja a preparação do lugar da celebração, cantar como solistas ou em coro, tocar um instrumento, ler uma leitura (desde que seja narrativa ou facilmente compreensível), responder durante a homilia, ler as preces da oração universal, levar os dons ao altar... (DMC 22)

É possível também inserir aditamentos na celebração: o Directório dá um exemplo (n.º 22), que infelizmente é sistematicamente ignorado: preparar alguns motivos de acção de graças antes do sacerdote começar o diálogo do prefácio (normalmente faz-se isto no fim da comunhão, em vez de se fazer no lugar próprio, o prefácio, que é clara e declaradamente acção de graças...).

– Particular responsabilidade cabe ao presidente da celebração: deve ter “a preocupação de tornar a celebração festiva, fraterna, meditativa” (n.º 23), mais ainda do que nas celebrações em que só estão adultos; “deverá exprimir-se de maneira a ser facilmente compreendido, mas evitando uma linguagem demasiado infantil” (n.º 23).

É sobretudo ao Presidente que cabe motivar as crianças para as diversas atitudes e formas de participação, no decorrer da celebração. E aqui há uma permanente tentação para o padre que preside a uma Missa com crianças: quando se percebe a impaciência das crianças, tende-se a abreviar o tempo da celebração, rezando a correr as orações... Nada de mais errado pedagogicamente: essa pressa impossibilita a atenção das crianças e elas “desligam”. Por isso, recomenda o Directório: “Deve procurar-se que os textos litúrgicos sejam pronunciados sem pressa e de forma inteligível, fazendo as pausas necessárias” (n.º 37).

– Os adultos presentes **ajudam as crianças a participar activa e correctamente, antes de mais pelo seu testemunho**. Mas não só. Podem preparar admoções, que devem contudo evitar a tentação de explicar tudo, tornando-se um discurso deslocado.

A este propósito, algumas admoções que acompanham símbolos são o exemplo do que se deve evitar: não se trata de explicar o símbolo (nada melhor para o “matar”, pois se reduz a um mero sinal), mas de torná-lo significativo...

### Alguns Caminhos para favorecer a participação:

1. Importância da motivação (DMC 3)
2. Procurar caminhos que facilitem a compreensão
3. Dar lugar ao gesto-movimento (DMC 33)
4. Não descuidar a participação interior: educar no valor do silêncio (DMC 22)

### Condições pessoais para uma participação activa

“Ao considerarem o tema da participação activa (*actuosa participatio*) dos fiéis no rito sagrado, os padres sinodais ressaltaram também as condições pessoais que se requerem em cada um para uma frutuosa participação.

- Uma delas é, sem dúvida, o **espírito de constante conversão** que deve caracterizar a vida de todos os fiéis: não podemos esperar uma participação activa na liturgia eucarística, se nos abeirmos dela superficialmente e sem antes nos interrogarmos sobre a própria vida. Favorecem tal disposição interior, por exemplo, **o recolhimento e o silêncio durante alguns momentos pelo menos antes do início da liturgia**, o jejum e — quando for preciso — **a confissão sacramental**; um coração reconciliado com Deus predispõe para a verdadeira participação.

- De modo particular é preciso alertar os fiéis que não se pode verificar uma participação activa nos santos mistérios, se ao mesmo tempo não se procura **tomar parte activa na vida eclesial em toda a sua amplitude**, incluindo o **compromisso missionário** de levar o amor de Cristo para o meio da sociedade.

- Sem dúvida, para a plena participação na Eucaristia é preciso também **aproximar-se pessoalmente do altar para receber a comunhão**; contudo é preciso estar atento para que esta afirmação, justa em si mesma, não induza os fiéis a um certo automatismo levando-os a pensar que, pelo simples facto de se encontrar na igreja durante a liturgia, se tenha o direito ou mesmo — quem sabe — se sinta no dever de aproximar-se da mesa eucarística.

- Mesmo quando não for possível abeirar-se da comunhão sacramental, a participação na Santa Missa permanece necessária, válida, significativa e frutuosa; neste caso, é bom cultivar o desejo da plena união com Cristo, por exemplo, através da prática da **comunhão espiritual**, recordada por João Paulo II e recomendada por santos mestres de vida espiritual”. (Bento XVI, Sac. Carit. 55)

### 6.2.2. Elementos a valorizar especialmente:

#### \* Preparação da celebração (DMC 29)

“Qualquer celebração eucarística com crianças, seja preparada cuidadosamente e em devido tempo, sobretudo no que diz respeito às orações, cânticos, leituras, intenções da oração universal, reunindo as opiniões dos adultos e das crianças que desempenham uma função específica nessas Missas” (n.º 29). Empenhar as crianças na preparação do lugar e das coisas necessárias à celebração (o que dá bem mais trabalho do que se for o sacristão a fazê-lo sozinho...), bem como na redacção das intenções da oração universal, admoções, etc.

### \* Gestos (DMC 33)

Toda a liturgia é um “fazer” e não um “dizer”. Pelo que é particularmente importante e significativo valorizar os gestos e atitudes corporais. Valorizar as procissões e movimentos, inserindo crianças na procissão de entrada, na procissão com o Evangelário, na procissão com os dons; por vezes, propor às crianças um gesto concreto, ou o associar-se a um gesto do presidente, como por exemplo, rezar o Pai-Nosso de mão erguidas (mas com cuidado e muito discernimento...).

### \* Elementos visuais (DMC 35)

Ao longo do ano litúrgico, há uma série de elementos visuais que é importante valorizar: o círio pascal, no tempo pascal; a cruz na semana da paixão, as vestes litúrgicas, etc. É claro que aqui põe-se o problema da riqueza ou pobreza das nossas igrejas: pedagogicamente, é importantíssimo o programa iconográfico, a qualidade e beleza das imagens, uma criteriosa ornamentação floral (já para não falar da indispensável limpeza e arrumação do lugar). Além destes elementos, podem inserir-se outros elementos visuais. Uma das propostas do Directório é o “emprego de imagens preparadas pelas próprias crianças” (n.º 36) para ilustrar a homilia, para realçar as intenções da oração universal, para inspirar a meditação. Neste âmbito parecem legitimar-se também o uso de diapositivos e imagens de vídeo, desde que devidamente contextualizadas e integradoras na celebração e não substituam ou diminuam a importância da Palavra (DMC 36).

### \* Silêncio (DMC 37)

É significativo o cuidado do Directório em sublinhar a importância do silêncio nas Missas com crianças, como parte integrante da celebração, “pois mesmo as crianças são capazes, à sua maneira, de meditar” (n.º 37). É claro que o silêncio é sempre difícil, mesmo para adultos. Por isso, as crianças têm de ser motivadas ao silêncio, de forma gradual e progressiva, valorizando momentos como o tempo depois da homilia ou depois da comunhão.

### 6.2.3. - As várias partes da Missa

Vejamos, agora, a Missa parte por parte, vendo as adaptações possíveis ou desejáveis, no sentido de aproximar a Eucaristia das crianças.

Antes de mais não são adaptáveis ou substituíveis as aclamações da assembleia e as respostas do povo ou a oração do Pai-Nosso, para que as crianças aprendam as intervenções na Missa da comunidade (n.º 39).

Também a estrutura da celebração, nas suas linhas gerais, se mantém sempre inalterável. Contudo, há muitos elementos adaptáveis, e uma grande margem para escolha de opções diversas, que possam ajudar as crianças a participar melhor na Eucaristia.

#### a) Ritos iniciais (DMC 40)

Os ritos iniciais têm carácter introdutório, visam preparar a assembleia para a celebração. Como é uma parte da celebração caracterizada por uma pluralidade de ritos, é **permitido omitir alguns desses ritos** nas Missas com crianças. Deve manter-se sempre a introdução à celebração e a oração colecta. Os outros elementos (*acto penitencial, Kyrie, Glória*) devem ser trabalhados,

escolhendo e valorizando apenas um deles e deixando cair os outros. Contudo, adverte o Directório, não se deve omitir sempre o mesmo elemento, dando a impressão às crianças de que não tem valor.

### **b) Liturgia da Palavra (DMC 41-49).**

O Directório dedica 9 números à Palavra de Deus. Na verdade, a Palavra de Deus não se proclama para entreter, ou como relato piedoso ou como catequese sistemática. É “celebrada”, com atitude de fé, com canto, com meditação, com a consciência de que Deus nos fala hoje e aqui. Não se trata de nos colocarmos diante da Palavra como diante duma lição ou tema de estudo, mas diante uma Pessoa que nos fala, que tem tempo para nós, que nos interpela e nos anuncia o seu amor e o seu plano de salvação.

Uma vez que as leituras constituem “a parte principal da liturgia da Palavra”, mesmo nas Missas com crianças nunca podem faltar. Há contudo uma grande liberdade de opção:

– Nos Domingos e solenidades, em vez das 3 leituras, podem fazer-se apenas duas ou até, excepcionalmente, apenas uma. Contudo, nunca pode ser omitida a proclamação do Evangelho. E na escolha da leitura que omite, deve ter-se sempre em conta os critérios de escolha das leituras, que estão na base do Leccionário. Por exemplo, a 1ª leitura é normalmente escolhida em função do Evangelho e o Salmo Responsorial depende da primeira leitura. Se se omite a primeira leitura, não se pode usar o Salmo do dia ou um cântico que vá no mesmo sentido, pois desapareceu a leitura que o justificava; o normal será, contudo, omitir a 2ª leitura, sem ligação com as restantes.

– Se nenhuma das leituras do dia parecer oportuna para a compreensão das crianças, podem escolher-se outras mais adequadas, mas respeitando o sentido da festa ou do tempo litúrgico.

– Na selecção das leituras, deve ter-se em conta o tipo de texto e o género literário. Uma leitura de conteúdo mais teológico terá de ser muito breve; uma leitura narrativa poderá ser bem mais longa.

– Respeito pela Palavra de Deus: implica proclamar o texto litúrgico, em tradução aprovada, sem paráfrases; não mutilar o texto bíblico, a não ser que se julgue de facto muito importante suprir parte de um texto, que traria dificuldade às crianças. Nunca substituir textos bíblicos por outros textos (é ser-se demasiado pretensioso...), nem usar textos não bíblicos no meio das leituras, o que criaria confusão nas crianças.

– O Salmo deve ser escolhido, tendo em conta a capacidade das crianças e as leituras proclamadas. Pode, eventualmente, escolher-se um outro cântico, mesmo não sendo um Salmo bíblico. No caso de se escolher apenas o Evangelho como única leitura, pode cantar-se um cântico depois do Evangelho, e, de preferência deverá ser um adulto (jovem, catequista) a fazê-lo (na missa – 2ª modalidade – pode ser uma criança). As crianças responderão ao Salmista com o refrão. Pode cantar-se apenas um salmo, durante o mesmo tempo litúrgico, ou apenas uma ou duas das estrofes ou apenas alguns dos versículos mais adaptados à Liturgia do dia e à compreensão psicológica da criança. É de grande importância a participação das crianças pelo canto, quer no Salmo, quer na Aclamação ao Evangelho.

– As admonições podem ser uma ajuda de excepcional valor para a compreensão das leituras,

desde que sejam bem feitas: breves, interpelativas, motivando para a escuta (e não dizendo já, por outras palavras, o que diz a leitura, nem enveredando por discursos moralistas).

– Pode ser de grande ajuda, quando a leitura a isso se presta, distribuir as várias personagens pelas crianças, como se faz na leitura da Paixão, na Semana Santa.

Caberia aqui recordar outra série de ajudas pedagógicas:

- a) cuidar do lugar da proclamação e do livro
- b) procissão com o evangeliário
- c) boa proclamação, preparada, serena e expressiva
- d) possível encenação, sóbria, que não necessite demasiada preparação nem aparato
- e) meditação posterior a partir das imagens que acompanhavam as leituras...

– Lugar de destaque merece a homilia. Esta pode ser feita dialogando com as crianças, que é um modo de as envolver directamente e de prender a sua atenção. Mas este é apenas um modo, entre muitos. Pode fazer-se a homilia em estilo narrativo, se aquele que a faz tem uma particular apetência para a narração (um bom “contador de histórias” consegue sempre prender a atenção das crianças). A homilia pode fazer-se pela via da visualização, utilizando desenhos feitos pelas crianças ou outros, cartazes, ou outros meios visuais (“slides”, projectores, eventualmente vídeo).

O melhor será alternar estas diversas modalidades, conforme sejam mais adequadas para a explicação vivencial da Palavra de Deus escutada.

### **Regras da Homilia às Crianças**

1. Se numa comunidade cristã, às crianças que participam na Eucaristia Dominical, não se lhes dirige nunca a palavra do Presidente (pregador), não se pode dizer que nela se tome a sério a missão pastoral.
2. A pregação às crianças, mais do que pregação aos adultos, está sob a lei do diálogo. A sua grande vantagem é que possa sempre, sobretudo na sua introdução, converter-se em diálogo real;
3. À homilia dirigida às crianças corresponde um pouco de jovialidade, muito optimismo e um toque de humor; uma atmosfera fresca, comunicativa. Deve animar e avisar, evitando uma constante moralização;
4. Aquele que prega às crianças deve saber narrar com linguagem adaptada a elas, sobretudo quando resume um relato já lido, mas também quando conta a história de um santo ou da vida diária. Em cada homilia, não deve haver mais do que uma “narrativa”;
5. O que se narra como sucedido, deve aparecer como tal; não como inventado, mas como relato crível. São legítimas as criações pessoais, mas que se possam reconhecer como tais;
6. O que prega a crianças não tem que se limitar ao vocabulário activo das crianças. O que não pode é ultrapassar o seu vocabulário passivo;
7. Ao pregar a crianças, deve preferir sempre o concreto ao abstracto, a voz activa à voz passiva, o tempo perfeito ao tempo imperfeito, a linguagem directa à linguagem indirecta;
8. Não devia haver nenhuma homilia a crianças que não estabeleça o laço de união com a Eucaristia que se segue;
9. O objectivo da pregação às crianças é comunicar-lhes toda a alegria que há na fé e no amor a Cristo Jesus.

**10.** Para o êxito da pregação é decisivo um protagonista: o Espírito Santo. O Espírito que fala pelo pregador e habita no coração das crianças. E, entre os factores humanos, o principal e imprescindível, é que o pregador ame as crianças: a estas crianças concretas, até à última e mais insignificante delas.

(cf. Balthasar Fisher, Pregar às crianças, in Gottesdienst, n.3, 1977; cf. BML 58-59, 20; Dossier CPL 20, 92)

### – Profissão de fé (DMC 49)

Pode usar-se o credo apostólico, mais breve e menos conceptual; mas deve usar-se também o credo niceno-constantinopolitano, habitualmente usado nas assembleias dominicais. Por vezes, pode recorrer-se à forma de profissão de fé baptismal.

– Oração universal pode ser particularmente significativa, pois pode interpelar directamente as crianças, quer na preparação, quer na celebração. Claro que isso exige que, para cada celebração se prepare um formulário próprio para a oração universal...

### Em resumo, são possíveis algumas adaptações:

- a redução do número de leituras: podem suprimir-se uma ou duas leituras, mas nunca o Evangelho (e nunca suprimir as duas primeiras por hábito ou sistema);
- a substituição das leituras do “dia” respectivo por outras que pareçam mais convenientes num momento determinado;
- a recusa da tentação de adoptar sempre leituras breves (um texto breve nem sempre é o mais inteligível). O princípio seria: “todo depende do proveito espiritual que a leitura possa proporcionar-lhes (DMC 44);
- a recusa da tentação de paralela e simultaneamente ir explicando o texto bíblico (há o perigo da confusão entre o que diz a Palavra e o que dizemos nós; para superar esta dificuldade usem-se traduções pedagogicamente preparadas e adaptadas). (DMC 45).

No canto entre as leituras, permitem-se também algumas adaptações:

- no caso do salmo, escolha-se salmo e melodia simples, mas que seja de verdade um salmo e não um canto qualquer; que se cante pelo menos o refrão e que seja ressonância do tema central da primeira leitura escolhida; no caso de ser deveras impossível encontrar nenhum salmo ou refrão, pode cantar-se outro canto a modo de salmo, mas com intenção (melódica e textual) de aprofundar o tema da leitura anterior;
- sugere-se o canto do “Aleluia com versículo” (embora nos pareça legítimo suprimir o versículo já que o Aleluia é canto de aclamação e não de meditação);
- sugere-se que, uma vez por outra, depois da primeira leitura se siga um momento de silêncio sem mais;
- sugere-se ainda que se prepare um canto adequado para depois da homilia (DMC 46).



A Palavra de Deus não actua sempre automaticamente. É preciso “ajudar” a Palavra (como se pode inferir da parábola do semeador). O Missal oferece alguns recursos (pedagógicos) para a Missa com crianças:

- a monição antes da proclamação da leitura (a modo de apresentação e ambientação);
- a leitura “dialogada”.

Outras ajudas pedagógicas podem ser:

- o cuidar do lugar da proclamação (o ambão e o livro);
- a procissão para o Evangelho;
- uma boa proclamação: preparada, serena, expressiva;
- uma encenação: sóbria, que não necessite demasiada preparação nem aparato;
- a meditação (e/ou homilia) com imagens que ajudem à compreensão da leitura; (DMC 47).

A Homilia não deve faltar nunca na Missa com crianças. Duas notas apenas: a homilia, na Missa com crianças, pode ser feita por um leigo (devidamente preparado e autorizado pelo presidente da celebração); pode ser dialogada. (DMC 48).

### **c) Liturgia eucarística (DMC 50-54).**

Envolver as crianças na liturgia eucarística deve ser o esforço, motivando-as para as atitudes (exterores e interiores) a adoptar em cada momento.

#### **– Apresentação dos dons**

As crianças são particularmente sensíveis aos símbolos. Daí que se possam envolver na procissão dos dons para o altar. Não abusar da inserção de símbolos neste momento. Os símbolos fundamentais são sempre o pão e o vinho para a eucaristia. Neste ponto, muito há a corrigir... Não tem sentido levar um pão, que fica sobre o altar, mas que não tem qualquer relação com a celebração. O pão é aquele que vai ser consagrado. Não tem qualquer sentido um símbolo de um símbolo, isto é, um pão caseiro para simbolizar o pão eucarístico... Se as partículas são pouco expressivas, por muito estilizadas, mudem-se as partículas!

#### **– Orações presidenciais (colecta, sobre os dons e depois da comunhão) (DMC 50-52)**

O sacerdote tem faculdade de escolher qualquer formulário do Missal Romano, desde que respeite o sentido da festa ou do tempo litúrgico, por forma a adoptar orações mais adaptadas às crianças. Se a escolha não for suficiente para tornar acessível o conteúdo da oração, podem fazer-se adaptações, desde que se respeite o género da oração e o seu sentido; se seja fiel aos conteúdos (a **adaptação é da expressão, não propriamente dos conteúdos**); não se insiram elementos estranhos a estas (como exortações moralizantes) ou linguagem demasiado infantil. Claro está que nunca se fazem estas adaptações durante a celebração! Será sempre um trabalho preparado previamente (a improvisação é um “cancro” a evitar sempre), que exige conhecer exactamente o específico de cada oração, a sua função própria na celebração e as características próprias da sua estrutura...

## – Oração Eucarística (DMC 51-52)

É fundamental que toda a celebração eucarística aponte a grande oração eucarística como centro da celebração. Tranquilidade e respeito devem pautar esta parte da celebração. O presidente deve pôr particular na entoação e no modo de pronunciar a oração, cativando assim as crianças a acompanhar o desenrolar da oração. Não sendo possível às crianças a audição para cativar a sua atenção, são fundamentais as intervenções da assembleia (**e por isso as orações eucarísticas para as Missas com crianças prevê várias aclamações e intervenções intercalares**). Como atrás se referiu, a oração eucarística uma acção de graças, podem as crianças, antes do diálogo do prefácio, apresentar os motivos de acção de graças, a juntar aos já presentes no prefácio.

Neste momento, dispomos de 3 orações eucarísticas para estas celebrações (aprovadas por Paulo VI em Novembro de 1974, a título experimental por três anos; em 1977 a sua aprovação prolongou-se por mais três anos; em 1980 por tempo indefinido, até novo aviso).

- A primeira oração eucarística é a que utiliza uma linguagem mais simples, marcada por um clima de contemplação, alegria e festa. O prefácio está dividido em três secções: criação, Cristo e a Igreja. Muito adaptada a crianças que iniciam a sua experiência eucarística;
- A segunda é recomendada pelo seu carácter mais dialogal, sendo o texto intercalado de uma série de intervenções da assembleia. A ideia central desta Oração é o amor de Deus manifestado em toda a história da salvação. Tem muitas aclamações da assembleia. Parece mais adaptada às crianças que se preparam para a profissão de fé.
- A terceira destas orações é a mais rica e variada e, por isso, a mais indicada para crianças mais velhas. Tem variantes no Prefácio, no prolongamento do Prefácio e na segunda invocação epiclética.

## – Ritos que precedem a comunhão (DMC 53)

“Terminada a oração eucarística seguir-se-á sempre a oração dominical, a fracção do pão e o convite para a comunhão” (n.º 53). O gesto da paz, rico de significado, pode fazer-se ou não. Quanto aos “*cânticos da paz*”, liturgicamente não existem: neste momento, o que existe é o canto do “Cordeiro de Deus”. Apenas excepcionalmente se podem usar, numa celebração em que se sublinhe particularmente essa dimensão da paz. Mas será sempre uma excepção e algo a evitar (para não deformar, em vez de formar...). Segue-se a Comunhão, que deverá decorrer em ambiente tranquilo, acompanhada de um cântico apropriado. Depois da comunhão, convidem-se as crianças ao silêncio orante e ajudem-se com indicações e sugestões para a sua oração pessoal. Será muito conveniente, antes da oração, um cântico de carácter festivo e jubiloso.

## d) Ritos conclusivos (DMC 54)

Evitem-se, o mais possível os avisos paroquiais. E tenha-se presente a recomendação do Directório: “Nas missas com crianças, a admonição que precede a bênção final é da maior importância pois elas, antes de serem despedidas, têm necessidade de que, em brevíssimas palavras, se lhes recorde e faça uma certa aplicação do que ouviram na celebração. É sobretudo neste momento que convém fazer compreender a ligação entre liturgia e vida”.

#### 6.2.4. Observações finais

\* Estas sugestões não são para usar todas numa única celebração... Deve fazer-se um discernimento, para cada celebração, das adaptações a adoptar. É claro que isso impõe um cuidado muito especial (e trabalhoso) de preparação.

\* Uma reparação cuidadosa e pormenorizada de todos os aspectos da celebração é sempre necessária, bem como uma avaliação, feita por catequistas e sacerdote.

\* Na escolha das adaptações e elementos a valorizar, ter sempre o cuidado de não impor às crianças os nossos gostos pessoais, com a desculpa de que elas gostam mais...

\* Ter sempre presente a totalidade da celebração e o seu equilíbrio interno.

\* No decorrer da celebração, nunca perder de vista que o ritmo é fundamental. E que o tempo da celebração nunca se pode alongar...

\* As alterações implicam conhecimento do sentido e valor de cada elemento, para respeitar a sua natureza e sentido

O presbítero que preside à Missa com crianças deve ter qualidades especiais e dominar alguns princípios de psicologia pastoral:

- o seu modo de actuar e de falar deve ser digno, claro e simples,
- criando um clima de festa, fraternidade e meditação,
- tornando inteligível a sua linguagem,
- e adaptando as orações e monições (sem infantilismos).

#### 7. As ideias básicas do Directório são estas:

1. Vê a Eucaristia e a educação para ela, dentro do conjunto da vida cristã e não isoladamente;
2. Para este objectivo há uma dupla tarefa; aproximar a eucaristia das crianças e aproximar as crianças da Eucaristia
3. A educação eucarística é concebida como iniciação, não como aula, catequese ou entretenimento;
4. A iniciação eucarística supõe a introdução nas grandes atitudes, que formam o conteúdo da eucaristia: - reunir-se, escutar, dar graças, recordar e oferecer, comer e beber o corpo e o sangue de Cristo, despedir-se como «expedir-se em missão».
5. A meta da educação eucarística é a Missa da comunidade.
6. A Eucaristia deve conduzir a uma maior integração na vida da comunidade
7. Há uma preocupação pela adaptação psicológica, que deverá ser progressiva, quer no ambiente (mais amável, acolhedor, próximo, festivo), quer no Presidente, quer na linguagem, das orações, quer na valorização do audiovisual;
8. A actividade exterior não deve esquecer que o principal é a participação interior;
9. O presidente celebra com as crianças e não para elas.

## 7 Mandamentos para Celebrar com as crianças o Mistério Pascal

1. Eu sou o Senhor, teu Deus. Não permitirás que nada e ninguém ocupe o Meu lugar como centro de adoração. Ninguém ignora que os factores humanos e ambientais podem contribuir para uma boa celebração. Mas o decisivo é o encontro efectivo da assembleia com o Deus vivo. Não nos podemos contentar com “entreter” as crianças na Missa, como se elas fossem incapazes de uma verdadeira experiência espiritual. Ai de quem pretenda impor os meios aos fins!

2. Recorda que deves guardar a santidade do ambiente celebrativo. Não se trata de adoptar uma atitude formal e hierática, desprovida de comunicabilidade. Aqui é decisivo o testemunho contagiante do presidente: só quem pessoalmente reza pode induzir uma atmosfera de oração. Mas também conta uma sapiente “gestão” das monições, dos ritmos, das pausas de silêncio...

3. Não adulterarás a Eucaristia com elementos estranhos. A vontade de “animar” a missa com crianças leva, por vezes, a introduzir nela elementos (jogos, encenações...) que são mais próprias da sessão da catequese do que da celebração. E que dizer de certas procissões das oferendas em que um brinquedo ou tantos pretensos símbolos acabam por secundarizar o que é primário e importante (o pão e o vinho para a Eucaristia e os dons oferecidos a favor da Igreja e dos pobres)? Ou, dizemos nós, a multiplicação de imagens para consumo, em vez de uma participação gestual equilibrada? Ou, pior ainda, a introdução de técnicas ou elementos estranhos ao movimento ritual, cujo objectivo é entretenimento ou catarse (?!) que, produzindo um esotérico efeito «ex machina», substitui e afasta o verdadeiro encontro com Jesus?!

4. Não roubarás os ministérios dos outros. Uma das formas de assegurar a participação plena e activa passa pelo exercício efectivo dos vários ministérios. Alguns ministérios poderão ser confiados às crianças, na medida em que sejam capazes de os desempenhar devidamente. Mas não se pode confundir participação activa com desempenho de algum ministério. O mais importante é a “acção” da assembleia (escuta activa da Palavra, canto, oração, procissões...) e todos os ministérios se hão-de entender ao seu serviço. A experiência de uma celebração com crianças coloca, sem dúvida, o grande problema pastoral da participação. Para tal não há receitas. Apenas o esforço de que a participação de todos tenha expressão pessoal e comunitária, interior e exterior. E os ministérios, a começar pelo da presidência, estão ao serviço dela. As regras são suficientes (importa conhecê-las e interiorizá-las), o desafio requer preparação e concentração para que possa ser ganho (!)

5. As crianças pensam em concreto. Não apreendem nada de um tratado sobre o amor, mas em contrapartida compreendem as histórias que mostram o amor. Não entendem muito o que seja a graça, mas captam os relatos em que Deus aparece cheio de bondade para com os homens. Assim escrevia o P. Wünsche, na revista alemã de liturgia, “Gottesdienst”, numa série de princípios e algumas sugestões para as missas com crianças. **A homilia com as crianças é tanto importante, quanto difícil. Vale a pena exercitá-la, a fim de aprimorar este ministério.** Para as crianças, é sumamente evidente que é mais importante a pessoa que fala que o que ela diz. (Para os adultos também, com os oportunos descontos críticos!) Mas importa implicá-las e orientá-las para Jesus e para o seu Evangelho, evitando qualquer forma (ou deformação!) de fixação. É necessário criar uma convergência entre sacerdote e ministros, catequistas e família, a fim de que o ensino de Jesus seja homogéneo e concreto, condizente com o que ouvem e vêem.

6. As crianças de hoje estão menos preparadas que no passado, para compreender algo só pelo ouvido. Necessitam de ver, sentir, fazer. Querem ser interpeladas com todos os sentidos. Mas, ninguém se iluda sobre os meios artificiais que a tecnologia propõe. Todas essas sugestões destinam-se a criar passividade. A liturgia, ao contrário, é acção que implica todos os sentidos humanos convergentes.

7. As crianças de hoje têm pouca experiência de silêncio, contemplação e profundidade. As celebrações com crianças podem ajudá-las a obtê-la, mas não a devem pressupor. A nossa experiência ensina que as crianças gostam do silêncio (não do vácuo, como propõe certo activismo de educadores mal formados). O activismo cansa, porque não permite que cada um seja aquilo que é, não dá lugar a ninguém, é um cliché de consumo. Importa que quem dirige saiba, por experiência pessoal, transmiti-lo pela forma como vive, com elas, a acção misteriosa. As crianças têm uma paciência mais limitada. A sua atenção dura menos que a dos adultos. É verdade, também, que o frenesim da vida tornou os adultos menos pacientes! Tudo isto exige uma atitude adequada daquele que preside à celebração litúrgica. Eis uma nova linguagem para aprender, exercitando-a

Cf. Lawrence E. Mick, reproduzido pela revista de Liturgia Phase (Barcelona)

## **Celebrar com as crianças**

### **40 teses para dialogar nas equipas paroquiais**

#### **Alguns princípios da psicologia das crianças**

1. As experiências básicas da vida são, para as crianças, as mesmas que para os adultos: alegria e tristeza, amor e ódio, confiança e medo, esperança e dúvida. Também as respostas da fé são para as crianças algo parecidas às dos adultos. Mas devem revestir-se de palavras e formas mais simples.
2. As crianças pensam em concreto. Não percebem nada de um tratado sobre o amor, mas entendem as histórias, nas quais as pessoas manifesta o amor. Não entendem muito o que seja a graça, mas captam os relatos onde Deus aparece na sua bondade para com os homens.
3. As crianças são de tenra idade. Muitas das coisas que nos são familiares são para eles estranhas e experimentam-nas pela primeira vez. Muitas coisas que damos por sabidas, eles não as podem saber nem são capazes de as interpretar sozinhos.
4. As crianças querem crescer e ser grandes. Querem imitar os mais velhos. Não gostam que as tratem infantilmente.
5. As crianças querem estar alegres e não gostam de ficar tristes. Querem ser elogiados e não gostam de ser obrigados a isso. Gostam que se lhes reconheça o que fazem e ficam desiludidos quando ninguém lhes dá atenção. Isso também nos acontece a nós, mas a elas mais directamente.
6. As crianças têm capacidade de entender. Captam tudo o que é novo. Interessam-se por muitas coisas quando as suas perguntas não são bloqueadas.
7. As crianças têm uma paciência mais limitada. A sua atenção diminui mais rapidamente que a dos adultos;
8. As crianças de hoje têm pouca experiência de silêncio, contemplação e profundidade. As celebrações com crianças podem ajudá-las a alcançá-la, mas não a dá-la por pressuposta;
9. As crianças de hoje estão menos preparadas para captar só pelo ouvido. Precisam de ver, de fazer, de tocar. Querem ser interpeladas por todos os sentidos;
10. Se pedimos às crianças que se adaptem às celebrações dos mais velhos, suporá que nelas enxertemos alguns elementos mais adaptados às crianças. A comunidade cristã abarca também as crianças. Estes têm direito a serem tidos em conta.

#### **O que é a celebração e o que é que ela oferece?**

11. Uma celebração com crianças é uma celebração. Uma celebração litúrgica não é uma aula, nem uma festa infantil, nem uma representação cénica. Deus comunica-nos o seu amor: essa é a acção de Deus para conosco. Nós louvamos a Deus: essa é a nossa acção para com Ele.
12. A celebração com crianças é uma celebração com crianças. Só se elas participarem é que se pode dizer que é mesmo «com crianças».
13. As celebrações com crianças correm o risco de se tornarem mais ensino do que celebração. Não se trata de proporcionar e explicar algo às crianças, mas de exprimir a bondade de Deus no louvor, na acção de graças, na súplica.
14. As celebrações com crianças correm o perigo de se tornar demasiado moralizantes. Os insistentes apelos e chamadas de atenção empobrecem a celebração;
15. As celebrações com crianças, por vezes, alargam-se demasiado. É melhor usar poucos e bem preparados elementos, que demasiadas palavras e acções. É melhor usar um único símbolo que conduza ao centro, que uma série de imagens que parece disputar a força da televisão.
16. As celebrações com crianças muitas vezes são demasiado palavrosas. Tão importantes como as palavras são os sinais, os gestos, os movimentos, as músicas, as imagens e outros elementos que entrem pelos sentidos.
17. Não tem necessariamente que se “passar algo” de novo. As celebrações litúrgicas são uma boa ocasião para experimentar um pouco de paz, neste tempo de agitação febril. Isso também faz falta e faz bem às crianças.
18. As crianças têm hoje dificuldade em estar quietas durante muito tempo. Uma procissão, uma mudança de lugar, fáceis danças litúrgicas e a participação nos gestos comunitários, ajudam a superar essa dificuldade.
19. As celebrações com crianças não tem por que ser infantis. Elas notam quando as tomamos a sério ou não. As questões essenciais da vida preocupam-nas como a nós.
20. As celebrações com crianças não têm que ser muito diferentes da dos adultos. As regras básicas da Liturgia têm que ser respeitadas também nessas celebrações;
21. Se em cada celebração, tudo é diferente, não se cria familiaridade. É importante que haja alguns pontos fixos. Determinados elementos deveriam encontrar-se em todas as celebrações: gestos básicos, cânticos conhecidos, pessoas conhecidas.

22. A celebração eucarística supõe uma certa maturidade pessoal e religiosa das crianças. Em certas circunstâncias valeria mais uma boa celebração da Palavra ou de gestos simbólicos, do que a Missa.
23. Na escolha da música e dos textos, há que procurar também nestas celebrações com crianças uma certa qualidade litúrgica. O que não serve para os adultos, dificilmente servirá para as crianças.
24. As celebrações com crianças correm o risco de repetir os mesmos temas. O melhor ponto de partida é a Liturgia da Palavra própria do dia.
25. As celebrações com crianças não deve ignorar os tempos do ano litúrgico, que oferecem símbolos e temas bem adaptáveis ao universo religioso das crianças;
26. Os modelos tomados de revistas e dos livros brotam de experiências diferentes das nossas. Podem servir como provedores de ideias, mas não devem ser copiados, sem mais.
27. As celebrações com crianças precisam de uma boa preparação. O stress e a crispação entre aqueles que a preparam é um mau sinal;

### **Sobre os elementos da celebração eucarística**

28. A introdução deve preparar e não antecipar o que vem a seguir. Poucas frases e não uma pregação antecipada.
29. O acto penitencial é só um elemento de preparação e nem sempre necessário. Contam-se pelos dedos as vezes em que este é um ponto forte da celebração;
30. As aclamações do Kyrie (Senhor, Cristo, Senhor, tende piedade) são uma homenagem a Cristo e não uma enumeração das nossas faltas;
31. Também as orações formuladas mais livremente devem seguir as leis básicas da oração litúrgica: invocação, acção de graças, súplica, louvor conclusivo, aclamação final do Ámen. Também nas orações com crianças não é preciso dizer muitas palavras;
32. Mais do que escolher um evangelho, uma leitura, o melhor é deixar-se guiar pela Palavra que a Igreja propõe para esse dia;
33. A pregação às crianças (como aliás à dos adultos) não deve abarcar toda a fé. Basta uma afirmação bem centrada.
34. É problemático interpretar ou revestir os relatos evangélicos com a ajuda de outras histórias. Em todo o caso, teriam de ser bem escolhidas. Muitas ideias e relatos numa mesma celebração confundem as crianças;
35. As preces não são um prolongamento da homilia. Nem são avisos morais. Não têm que sobrecarregar Deus, com o que nos é devido a nós. E são, antes de tudo, oração pelos demais;
36. Se as crianças não podem trazer algo elas próprias, então entenderão dificilmente o sentido e a preparação dos dons;
37. As Orações Eucarísticas são demasiado longas e tornam-se a parte mais aborrecida da celebração. As crianças devem intervir, através de aclamações cantadas e com o Ámen da doxologia final (Por Cristo...). Há 3 Orações Eucarísticas próprias para a Missa com crianças e já musicadas;
38. A Paz é importante. Mas um rito de paz, demasiado prolongado, rompe e interrompe a celebração. Alguns gestos mais expressivos de paz ou de reconciliação estariam mais adequados para o final da celebração da Palavra;
39. Para as crianças que ainda não fizeram a primeira comunhão, é decepcionante não receber nada na celebração. Podiam receber algum pequeno sinal na celebração: um gesto, uma bênção, um símbolo...
40. Que se passa depois da celebração? Vão-se todos embora, sem nenhum canto, sem nenhuma voz? A boa tradição do ágape poderia ser retomada na Missa com Crianças.

P. WÜNSCHE, Celebrar com los niños. 40 tesis a dialogar en los equipos parroquiales, in Misa Dominical 1994(15)5-6.31-32  
traduzido da Revista Litúrgica Gottesdienst, Junho 1994.

### **Trabalho de grupos (por temas, 1, 2, 3)**

1. Leiam em conjunto as teses e sublinhem o que mais vos chama a atenção.
2. Revejam a preparação e a prática da Missas com Crianças e das Festas e Celebrações da Catequese, à luz dessas teses, avaliando:
  - a) Quais os nossos erros mais comuns?
  - b) Em que aspectos concretos, podemos mudar, já nas próximas celebrações?
3. Partilha com os outros grupos (plenário)

**BIBLIOGRAFIA:**

- BALTHASAR FISHER, *Pregar às crianças*, in *Gottesdienst*, n.3, 1977; cf. BML 58-59, 20; Dossier CPL 20, 92)
- Boletim de Música Litúrgica, n.58-59 (Outubro 1984-Janeiro 1985), Telos Editora, Porto 1985 (número dedicado à Missa com crianças)
- CARLOS CABECINHAS, *Catequese e Eucaristia* (site da Diocese de Leiria – Fátima)
- CARLOS CABECINHAS, *Os sacramentos no itinerário catequético* (site da Diocese de Leiria – Fátima)
- Catecismo da Igreja Católica*, 2ª edição, Gráfica de Coimbra, Assafarge [2000].
- Celebrar a Missa com crianças. Notas pastorais e sugestões práticas [Ao serviço de padres, animadores de liturgia, catequistas, educadores e pais cristãos. Orientações adoptadas para os países de expressão francesa da Europa e da África do Norte como aplicação do «Directorium de missis pro pueris»], Secretariado Nacional da Educação Cristã da Infância e Adolescência, Lisboa 1975.
- Celebrar la eucaristia com niños, *Dossiers CPL*, 20, Ed. Centre de Pastoral Litúrgica de Barcelona, 3ª ed, 1997
- CASTANYÉ SUBIRANA J. – OLLER HEREU R. – PEDROSA ARÉS D, «Eucaristía», in *Nuevo Diccionario de Catequética* 1, ed. V.M.ª Pedrosa – M.ª Navarro, R. Lázaro, J. Sastre, San Pablo, Madrid 1999, 827-845.
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Para que acreditem e tenham vida. Orientações, para a Catequese actual*, Ed. SNEC, Lisboa, 2005
- CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Directório Geral da Catequese*, SNEC, Lisboa 1997.
- CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, *Directório para a Missa com Crianças* *Directório das Missas com Crianças (22-10-1973)*, in EDREL 2760-2814.
- CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, *Preliminares das Orações eucarísticas das Missas com crianças (1-11-1974)*, in EDREL 718-742.
- CURRÒ S., «Fanciulli», in D. Sartore - A.M. Triacca – C. Cibien (dir.), *Liturgia (Dizionari San Paolo)*, San Paolo, Cinisello Balsamo (Milano) 2001, 792-802.
- MAZZA E., «Crianças», in *Dicionário de Liturgia*, ed. D. Sartore - A.M. Triacca, Paulinas, São Paulo 1992, 250-255.
- MAZZARELLO M.L., «Catéchèse de l’Eucharistie pour les enfants», in *Eucharistia. Encyclopédie de l’Eucharistie*, ed. M. Brouard, Cerf, Paris 2002, 619-625.
- MAZZARELLO M.L., «Fanciulli», in *Dizionario di omiletica*, ed. M. Sodi - A.M. Triacca, Elle Di Ci – Velar, Leumann (Torino) – Gorle (Bergamo) 2002.
- OLIVER ROMÁN M., «Enfants et célébration de l’Eucharistie», in *Eucharistia. Encyclopédie de l’Eucharistie*, ed. M. Brouard, Cerf, Paris 2002, 523-527.
- P. WÜNSCHE, *Celebrar com los niños. 40 tesis a dialogar en los equipos parroquiales*, in *Misa Dominical* 1994(15)5-6.31-32. (traduzido da *Revista Gottesdienst*, Junho 1994).
- PARDO A. – CANALS J. M., «Las Misas com Niños», in *Vida Nueva* [fotocópia, mas sem indicação do número ou ano].
- PAULINO MONTERO, *Celebrações e Festas no itinerário catequético*, *Jornadas Diocesanas de Liturgia*, Porto, Janeiro de 1996 (publicação fotocopiada), Ed. SDEC Porto e SDL Porto, 1996
- PEDRO MORAN, *Celebraciones especiales con niños*, P.S. Editorial, 5ª ed., Madrid 1999
- SERVIÇO NACIONAL DE MÚSICA SACRA, *As crianças louvam o Senhor*, Ed. SNL, Fátima 2003

